

LITORAL. ARA SOLIS DE WANDA RAMOS: UM REGRESSO À RAIZ

ELIAS JOSÉ TORRES FEIJÓ

Torres Feijó, Elias J. (1995): "Litoral. Ara Solis de Wanda Ramos: Um regresso à raiz". In (1995): Actas do 4º

Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas. Lisboa-Porto-Coimbra: Universidade de Hamburgo/Lidel;

pp. 447-458.

UMA NOTA PRÉVIA: a autognose literária portuguesa conduz à Galiza (e um elemento novo a considerar)

Homens e povos acordam tarde sobre si mesmos. É por isso que o essencial das suas actividades se passa a construir esse passado original sem o qual não teriam futuro, ou apenas um presente sem espessura. É a este processo, ao mesmo tempo real e imaginário, que chamamos preocupação e busca de identidade.¹

Isto afirmava há alguns anos esse pensador extraordinário que é Eduardo Lourenço. É aplicável sem ruídos, como em geral os seus escritos sobre a *identidade*, a um tema, uns objectivos e um método que têm presidido e ainda presidem a boa parte do romance português mais recente. A sua persistência é tal que tem mesmo conduzido alguns críticos e autores a falar de “processo de ensimesmamento” como doença da ficção portuguesa, “na sua obsessiva busca da identidade” que a faria “aproximar-se perigosamente do esgotamento e do autismo”² (Margarida Braga Neves). Há mesmo romances de grande fôlego em que se detecta uma vontade quase cervantina de acabar com as novas cavalarías de certos mitos, como são alguns dos textos de Lobo Antunes ou *O Conquistador* de Almeida Faria.

Essa referência *também ao imaginário* ao falar de identidade, posta em relação com a criação literária, levava o próprio Lourenço a indicar anos antes que “deslocar o ponto de fuga da nossa imaginação dos horizontes meramente suspensos de uma certa urgência temporal para um espaço de perfil mítico [...] era a nota mais positiva e característica do novo espaço cultural propiciado pela Revolução”³.

Junto com esse “espaço de perfil mítico”, apontava ainda o Professor Lourenço a configuração de uma literatura mais como de crise, como de uma procura de se conhecer melhor, na sua *hiperidentidade*⁴; o que por outras palavras a Professora Elvira Souto denominava como de autognose⁵. E, é claro, essa procura e esse desejo de conhecimento conduzem ao passado, mítico, por vezes misterioso, ignoto; passado que reclama uma

1. In “Portugal: identidade e imagem”, p. 18; artigo recompilado em *Nós e a Europa: as duas razões*, 3ª edição, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990. Publicado no *Expresso*, 4 de Julho de 1987.

2. Na revista *O Escritor*, p. 13, da Associação Portuguesa de Escritores, número 1, Lisboa, Março de 1990.

3. “Literatura e Revolução”, in *Colóquio/Letras*, núm. 78, Lisboa, Março-Abril de 1984, pp. 7-16. A citação corresponde à p. 14.

4. “Identidade e memória: o caso português”, *ob. cit.* Conferência ditada em Durhan, USA, em 1984, p. 10.

5. Elvira Souto PRESEDO: *O romance português actual: uma literatura de autognose*, Tese de Doutoramento inédita, Universidade de Santiago de Compostela, 1987.

reconstrução dos factos acontecidos, atendendo a mais perspectivas de aquelas que em aparência pareceriam definitivas. Não é pois de estranhar que alguns dos romances de que falamos, formulados na sua estratégia textual como uma investigação à procura das raízes, tenham mesmo um ar de policiais, fenómeno que já há dez anos Alzira Seixo considerava um dos veios mais fecundos da literatura de hoje ⁶.

Precede esta síntese caracteriológica de parte do romance português, por demais conhecida, pela sua pertinência ao falarmos da Galiza como parte desse *corpus identificador* procurado. As referidas marcas, desde o perfil mítico ao ar policial, iluminam a produção literária em que a Galiza ou os galegos aparecem como protagonistas, e, de outro ponto de vista, fazem do território ao Norte do Minho uma temática possível e ainda provável. Com efeito, esse Finisterra é em boa medida o passado português, próximo mas confuso, envolvido em brumas, misterioso então, a reclamar a sua *investigação* para informar também a identidade buscada. Assim o viram não poucos escritores contemporâneos que fazem deambular pelos seus livros personagens galegas; ou então outros que têm como moldura desse passado a Galiza ou a Gallaecia: José Saramago (*A jangada de pedra, O ano da morte, A História do Cerco de Lisboa*) ou João Aguiar (*A Voz dos Deuses, O Trono do Altíssimo...*) são exemplos de relevo.

Mas faltava qualquer coisa por tratar: a complementação desse passado com a Galiza actual. Certamente, o que é relativamente novo é aparecer a Galiza actual como objecto coevo, ou, mais em concreto, como geografia *historificada*. Viajar às origens no espaço mas não no tempo; pelo menos aparentemente... E proceder à procura num ambiente de investigação, linha esta do policial português sem dúvida interessante, como *As duas águas do mar*, de Francisco Viegas ou de reconstrução, caso de *Trabalhos e paixões de Benito Prada* de Assis Pacheco (os dois, curiosamente numa colecção chamada "Finisterra"). E, também, de *Litoral. Ara Solis*, a obra de Wanda Ramos que precedeu a estas. Essa primazia cronológica na incorporação da Galiza de hoje, a inaugurar uma nova perspectiva unida que, a nosso ver, reúne perfeitamente algumas das impressões que caracterizam determinadas visões da Galiza a partir de Portugal, não raro de maneira contraditória (irmã lendária no mítico, afastada e confusa no real), fazem com que esta obra concentre a nossa atenção.

LITORAL. ARA SOLIS: A GALIZA NO IMAGINÁRIO PORTUGUÊS

Miguel C., português de nascimento e com origem galega por parte de mãe, regressa à Galiza, adquire uma casa no cimo do Cabo Finisterra e ali morre, levado por um destino inexorável, ao mesmo tempo trágico e gozoso. A sua prima portuguesa segue os seus passos para reconstruir a sua vida e os motivos da sua morte. Responde, como Miguel fizera, à chamada galega. Nesta síntese argumental, assomam já vários dos mitos e motivos que têm formado o imaginário luso através dos tempos: a casa, o sebastianismo, o regresso, a memória mítica... Porque em *Litoral* viaja-se à Galiza com muito do essencial português na bagagem.

6. "Ficção", in *Colóquio/Letras*, núm. cit., pp. 30-42.

FINISTERRA, MÍTICA, NA BRUMA DO MISTÉRIO: UMA ATRACÇÃO IRRESISTÍVEL

Já o para-texto que abre o romance, uma citação de *Os hinos à Noite* de Novalis, nos refere um quadro combinatório de *locus amoenus* e *horrendus*, caracterizado pelo sacro, o indizível, o misterioso, vivido com nostalgia, na solidão; um lugar com o qual se pretende a união essencial, numa memória longínqua, envolvida em névoa após o sol-posto. Isso é Finisterra, Cabo do mundo; isso é o litoral, limite, fronteira; e a *ara solis*, lugar da luz clarificadora. Tudo o que reclama o deslocamento às raízes.

Miguel é reclamado pelo sangue, certamente, e sobretudo por forças intangíveis, já míticas e fatais. Os seus olhos da cor das rias galegas são a sua marca física ⁷, a de uma chamada que ninguém compreende na sua família ⁸ que se julga delírio, mas ele sabe "desde sempre" que "o seu verdadeiro destino havia de começar na Galiza" ⁹.

É também uma sedução que a prima/Narradora, no seu processo simbiótico com Miguel, sentirá como irresistível ¹⁰, a atracção da terra e de quem a precedeu. "Esse sítio do fim da terra" dirá "aonde, se bem que à superfície das coisas arrastada por uma decisão claramente racional, havia ido a parar por me sentir, no fundo dos meus gestos e actos, a destinatária predestinada de sombrios recados" ¹¹.

O texto configura-se como uma dupla reconstrução (de sentido pluridimensional) de um percurso igualmente duplo e inseparável: a da procura/descoberta de Miguel de si próprio e das raízes galaicas; e a procura dos caminhos de Miguel e a consequente descoberta da Galiza na prima. Miguel ajudá-la-á nos momentos de medo ou mistério, "como se morto se fizesse uníssonos comigo viva", e irá deixando pistas de vários géneros, vagas e irracionais, "que o racional nem sempre clarifica uma empresa e, ainda menos, decifra o insólito e o obscuro" ¹². Tudo num processo de progressiva identificação com o seu herói, vendo "bruscamente mudado o rumo da sua vida" ¹³, que faz com que nem sempre seja possível distinguir os dois processos e assistamos a uma identidade de planos e descobertas entre os primos, como assegurando a permanência de Miguel *post mortem*, "como se quisesse ter a certeza", diz a Narradora "de que quando morresse não se perderia o seu rasto, isto é, lá em Portugal, alguém lhe assegurasse postumamente o destino" ¹⁴.

Parte assim a Narradora para uma viagem mítica e ao tempo intimista, como aventura mítica e íntima foi a de Miguel C. a este *Finis lucis*, da lucidez. E a este *Finis vitae*, naquela Casa, naquela terra na Costa da Morte.

Como se torna desde já evidente, a narração articula-se em volta do mistério, reforçada pelos ritos e mitos que nele convergem. A aventura desta "viagem intempestiva" torna-se imprevisível peregrinação "sem que por mal dos meus (insuspeitados) pecados

7. *Lit.*, p. 16.

8. *Lit.*, p. 26.

9. *Lit.*, p. 106-107.

10. *Lit.*, p. 37.

11. *Lit.*, p. 46.

12. *Lit.*, p. 82.

13. *Lit.*, p. 13.

14. *Lit.*, p. 169.

lhe enxergasse algum prenúncio de bem-aventurança”¹⁵ e aproxima-se de uma viagem iniciática, sacra, descida aos infernos que tem como guias as figuras de Miguel e da velha Rosalía Francisca, nome simbólico da poeta galega por excelência — amiga íntima de Miguel e proprietária da Casa. Delineia-se pois um ambiente religioso em que a Narradora procura um cantinho da praça Ara Solis onde poder intimamente “invocar talvez desses deuses ou entidades obscuras que escutam o falar das coisas e nos transmitem os indícios”¹⁶ numa região perpassada por uma “aura misteriosa”¹⁷. A descoberta das coisas e razões de Miguel converte-se a maioria das vezes num rito, como abrir um álbum de fotografias ou subir ao promontório para ver o mar negro e também enigmático¹⁸. A Galiza e mais em concreto Finisterra são lugares sagrados, assombro de romanos quando lá chegaram, onde “ver o sol mergulhar no mar e o lume do céu esmorecer na água”, anotava Miguel no seu diário, era “coisa que não se podia olhar sem sentir arrepios nem cometer sacrilégio”¹⁹, que acaba por fascinar Miguel e acender o seu imaginário. Assim o comenta Rosalía à Narradora: “dei-lhe tantas pistas para conhecer esta terra, encantavam-no sempre essas coisas de superstições, do nosso passado mítico [...] para alimentar a fogueira da fantasia”²⁰.

A CASA

Um cenário é que se impõe como concentrador de todas estas forças, elementos e vivências que vimos comentando: a Casa e as suas proximidades. *Litoral. Ara solis* é um romance em grande parte *da casa*, motivo este que unido ao do fim da terra, embora de sentido diverso, conta com ilustres precedentes, junto com o do fim da terra, como o *Finisterra* de Carlos de Oliveira.

A Casa pertence a uma família antiga, os Trava, que se recusa a ceder a Miguel essa mansão por que ele se apaixonara. “Não é que se fechava (ou reabria) o círculo que intimamente ligava as histórias de dois povos desde os tempos brumosos da fundação da nacionalidade [...] nele próprio e no sangue que lhe corria nas veias achando confirmação e seguimento?”²¹. Vendê-la ou demoli-la é o que pretendem as irmãs Trava, mas Miguel convence-as e suspende o desaparecimento, talvez para que a Casa conclua um caminho simbólico a que parece destinada. O protagonista vence a oposição das velhinhas e opõe às suas advertências “acerca dos grandes medos e das assombrações que havia décadas tomavam formas assustadoras junto dos que a habitavam, logrando por fim expulsá-los” a sua firme descrença e vontade de reconstrução. A mansão é apresentada então pelas proprietárias como lugar que foi de tempos passados felizes,

“deixando-o que lhe prolongasse a vida, até ver”²². Uma Casa, com História, que é concentrada no seu perfil simbólico, a Galiza, a Finisterra.

Mas cedo abala a firmeza de Miguel (“não demoraria muito até ele próprio se aperceber de quão precipitadas tinham sido essas certezas quanto ao que nela se passava”²³). A Casa exerce em quem a habita um certo mal-estar e inquietação, uma vontade irremediável de percorrê-la, como anota o seu morador no diário. Está habitada por segredos, por forças inóspitas. Possui sentidos. Rodeiam-na sussurros na noite, rumores estranhos. É enfim taciturna, misteriosa, abismal; maiúscula como a forma de escrevê-la, animada; simbólica e real. É sentida como isolamento mórbido, amarrando a quem a penetra. Dela avista-se o mar, o sol, o *finis mundi*. É o limite definitivo. Descobrir os seus espaços, que anunciam, revelam, assombram, é progressiva viagem ao passado e ao íntimo. As máscaras numa parede parecem convocar todos os ritos das suas origens. “Um impulso incontável”²⁴ leva a Narradora ao estúdio(ara?), onde se encontram surpresas e pistas. Visitar o sótão bem parece uma *descida* aos infernos dentro de outra: “era como se tivesse agora ao meu alcance um outro mundo misterioso, qualquer coisa cuja existência não ignorava mas havia preferido não conhecer”²⁵, trânsito em sombras e medos ao passado. Trânsitos para os quais mais de uma vez se invocam forças incognoscíveis ou se procede a rituais para elas acudirem em auxílio, como o Santo Cristo da barba dourada que invocam os marinheiros para passar a laje Tourinhana na Costa da Morte, tão caro a Miguel. Para ele, a Casa era como essa laje, “e ele precisava de forças para a viver, por isso não lhe faria mal invocar um qualquer auxílio, um espírito, claro que era como um jogo, nenhum de nós acreditava nessas coisas”²⁶, diz Amaya, a mulher traidora, que, nascida noutro lugar e criada noutro ambiente, talvez não percebesse cabalmente o sentimento ancestral da invocação no seu namorado.

Mas este espaço simbólico, que convida ao rito, acaba por reportar, quando mais conhecido, maior conforto. É o conforto de quem se vai adentrando nas origens. A Narradora olhará sempre com nostalgia e carinho uma Casa em que penetrou temerosa e dubitativa. Não é que fugissem os mistérios, as sombras; assumiram-se, e por essa vereda firma-se a identidade. Miguel, liberto dos medos primeiros, pode anotar:

Afinal, só aqui, no Cabo, acabei por me sentir eu próprio, haja ou não alguém na periferia da minha consciência afectiva. A Casa evolui agora mansamente, enredando-me na redescoberta dos seus recantos.²⁷

A Casa será também lugar gozoso de encontros, de Miguel com Naomi, da Narradora com Rosalía; e persistirá a cumprir a sua tarefa da sustentação da identidade tornando-se por vontade das Trava num instituto *consagrado* à divulgação da cultura galega.

15. *Lit.*, p. 37.

16. *Lit.*, p. 51.

17. *Lit.*, p. 66.

18. *Lit.*, p. 121.

19. *Lit.*, p. 101.

20. *Lit.*, p. 212.

21. *Lit.*, p. 42.

22. *Lit.*, p. 43.

23. *Lit.*, p. 74.

24. *Lit.*, p. 54.

25. *Lit.*, p. 164.

26. *Lit.*, p. 159.

27. *Lit.*, p. 169.

Mas também lugar de morte. *Finis vitae*. Nessa Casa, onde ecoam ainda as lembranças de um enforcado no século XIX, conhecerão a morte o protagonista e o seu grande amor, Naomi, a mulher que veio envolta na bruma. É o fruto da atmosfera de destino e fatalidade que a circunda. A irrequietude do primo, em palavras da Narradora, leva-o a morrer vertiginosamente nas origens, fechando um círculo iniciado pela chamada da terra personificada no avô e na mãe Dolores. Ubicada na Costa da Morte, debruça-se sobre esse mar a um tempo nutricional e mortífero no seu mito, vivido assim como Mar-vida Mar-morte, e ainda Amor-morte. Nesse cenário, umas vezes fantasmático²⁸, outras vezes a ameaçar catástrofe²⁹, Miguel encontra o seu final... físico. Final cujo instrumento, umas ervas plantadas no jardim da Casa, é guardado por uma cobra, *genius loci*. De novo o mistério e o mito, o da cova da serpe, este, muito estendido pela Galiza... E na Galiza é enterrado conforme o seu desejo.

“Para o que tem de acontecer, não há impedimento”³⁰. Com esta frase de Miguel, que se repete ao longo da narração, abre o romance, expressão inequívoca do destino, da vida e da morte do herói que assume com plenitude, onde quis viver e ser enterrado.

No entanto, a morte não é um final definitivo. A Narradora sente a sua presença na Casa, como a sente Amaya, apesar do seu declarado descrédito pelo intangível:

não sei se deva dizer-lhe, tenho a sensação, é como se Miguel Cê ainda aí estivesse, há qualquer coisa de inexplicável, um aperto cá dentro, uma presença; também já senti o mesmo [...] ³¹,

responde a prima.

E é que a morte de Miguel situa-o já libertado do terreno e elevado a um mito intemporal, no retorno definitivo às raízes. Com “uma capacidade de regeneração muito especial e suficiente força para fazer da tragédia o fermento da libertação”³², diz a prima, a sua exegeta.

Miguel ficará na Casa, envolvido no seu destino em sombra. Será presença momentânea “nalgum enevado cenário de ausências; numa simulação de que assim se fará mais fiel à realidade uma parte pelo menos do que do experimentado se narra”³³. Não será a *causa mortis* que importa, mas os impulsos que a ela levaram e as suas consequências.

O SEBASTIANISMO E A MEMÓRIA MÍTICA

Essa revisitação conduz-nos a uma outra linha de leitura, que em boa medida se deduz do já comentado: o Sebastianismo, o mito do regresso, e ainda da partida

para novos mundos, na névoa da Saudade actualizado e revisto ou, em ocasiões, a sua negação.

Miguel parte em 1962 para percorrer o caminho que o levará às origens; e fá-lo para escapar à nova guerra de África que os levantamentos angolanos apontam. Troca então as praias africanas (a expansão) pela descoberta das autênticas raízes na Galiza, aonde chega em 79, espécie de paraíso perdido do qual já não sairá e onde acaba por testar no ano de 1980, quatro séculos após o início do domínio filipino. Miguel C. aparece nas fotos que a prima contempla com “madeixa alourada e rebelde” e nos olhos “reflexos das rias galegas”³⁴, olhos claros então, descrição próxima da imaginada para o rei português. Similar por exemplo é a fisionomia com que é descrito o protagonista de *O Conquistador*: “tu és louro, entroncado, de olhos claros, curto o nariz...”³⁵

Mas não ficam apenas por aqui os elementos para caracterizar o *sebastianismo* de *Litoral*. Miguel é definido como um sonhador que parte para a sua viagem-delírio, lembremos que incompreendida, em tempos de “forçada contemplação do próprio umbigo”³⁶, onde tudo o de além-fronteiras era desprezado. É uma viagem pois contracorrente, à procura do genuíno que D. Sebastião também simboliza. E nesse destino morre, desaparece subitamente, sem ele próprio o prever e sem o preverem os que o rodeavam³⁷, deixando apenas pistas que se atingem não de maneira racional, mas pelo imaginário, passando de herói a mito: “ia perdendo o meu herói” comenta a Narradora “à medida que me fazia mulher, depois já me parecia só um mito, uma imagem ideal; até que, bem, tudo se reacendeu quando soube [...] que tinha morrido”³⁸. Desaparece pois, mas para a transcendência, capaz como é de “fazer da tragédia fermento de libertação”³⁹. Como o foi em vida, prolongando a Casa/Galiza, descendente de aquelas velhinhas sem descendência...

A lembrança dessa desapareição quase mítica reveste-se dos vários elementos com que se cobre a espera de D. Sebastião: a nostalgia e a vaga memória, a saudade, o desejo, a névoa, o sonho, o intangível, o real fantasmático... Já na mãe Dolores, guardadora a seu modo do percurso do filho, existe uma lógica lembrança compreensiva; e na prima, pequenina aquando da partida, vai-se produzindo uma “nostalgia nem sabia bem de quê, a modos que a sensação de não ter agarrado alguma coisa que outrora passara brevemente a meu lado e se fora, para sempre”⁴⁰. Alguma coisa que, no momento em que vai recuperando a imagem do seu primo, reclamada por ele, morto, na Galiza, actualizará, numa mistura de realidade e ficção, sem saber que é mais certo, maior verdade quando o desejo se torna guia no mundo de Além-Minho: “lá, no Cabo Finisterra, é que as coisas eram reais, ao passo que aqui [em Lisboa] tudo passou a tingir-se de inverosimilhança? O certo é que assim, misturando realidade e invenção, ou esse íntimo desejar inconfessável que nunca chega a taldar a crua certeza do acontecido e sabido, iam passando

28. *Lit.*, p. 39.

29. *Lit.*, p. 82.

30. *Lit.*, p. 11.

31. *Lit.*, p. 167.

32. *Lit.*, p. 122.

33. *Lit.*, p. 188.

34. *Lit.*, pp. 22 e 23.

35. Almeida FARIA, *O Conquistador*, Lisboa, Editorial Caminho, 1990, p. 12.

36. *Lit.*, p. 26.

37. *Lit.*, p. 68.

38. *Lit.*, p. 108.

39. Vid. nota 32.

40. *Lit.*, p. 17.

os dias, enquanto me deito a dissecar o real tornado fantasmático da vida e morte do meu primo”⁴¹.

É traço marcante desta espécie de memória do seu primo a vivência que ela tem, primeiro na infância, no estado portanto mais ingênuo e puro, a seguir na adolescência, onde se recusa a vê-lo como mito, depois na maturidade da viagem por ele chamada, onde os primeiros sentimentos são reactualizados e assumidos; onde da pretensa maturidade da descrença, se passa à sólida maturidade do mistério e do desejo. Percurso este amplificável porventura a certas vivências que do imaginário sebástico possam encontrar-se ainda..., e se calhar por muito tempo. Assim o sintetiza a narradora, transmitindo, em boa medida, pensamos, o sentido do livro:

Havia sido um estranho, um sonho remoto e calcado no fundo de mim, um herói mitificado pela ingenuidade e uma imaginação decerto malsã, pelo menos até me achar mulher feita e decidida a melhor controlar as fugas, mesmo se lançando mão de feroz autocensura sempre que se abrissem indesejáveis brechas.

Então, lembro-me de nesse dia de um setembro cintilante sentir tomar conta de mim uma quase solene disposição, à medida que Galiza acima me aproximava do meu destino: esse sonho remoto ganhava agora a forma de uma nostalgia atabafante tocada de uma espécie de arrependimento, de não ter sabido aproveitar alguma vaga deixa que no passado Miguel me tivesse dirigido e interessar-me um pouco mais por ele, pela sua vida e o seu destino.⁴²

A autocensura para não sonhar o herói que leva em si *ab origine*; a presença da razão, vencida finalmente; o arrependimento e a procura a que a Galiza, *locus miticus*, produz; a vontade de seguir o destino, o seu, e o que Miguel marca, e aquele que a Galiza convida, na nostalgia, por mais que a oportunidade desaproveitada “nem chegara bem a existir, a não ser, forçando muito, nos nebulosos encontros da infância e nos ainda mais nebulosos desencontros [...]”⁴³; são esses os caminhos por que envereda essa presença apesar da inexistência física do primo carismático. O livro fica assim perpassado por um lirismo em que se conjugam várias formas da espera, da actualização e do desejo: lírico-saudosista, lírico-amoroso, lírico-visionário, lírico-messiânico, para o expressar com os qualificativos que J. David Pinto-Correia aplica ao ser português⁴⁴.

Como já se viu, o elemento sebástico, saudosista, fica obviamente fortalecido por um outro, este temático-formal, a sustentar este edifício da identidade que *Litoral* é. Trata-se do estilo e ponto de vista com que a história é contada; um estilo narrativo e ainda um cosmos que atravessam a obra em prosa de Wanda Ramos e a fazem inconfundível: o da literatura como viagem, singularidade, mistério, passado, solidão, enigma, revisitação, ambiguidade... E sempre a memória e o tempo, a que aqui nos referimos.

A escolha de um ponto de vista *rememorativo* reforça no texto o que Eduardo Lourenço denomina processo de rememoração ancestral ao referir-se à questão da

identidade portuguesa⁴⁵. Transforma o tempo passado em tempo mítico e os lugares rememorados em lugares comemorados nessa presença ancestral. A lembrança aqui e assim aplicada, desde Portugal, faz da Galiza e dos seus constituintes uma entidade já não contemporânea mas um *locus* emergente do passado, *Finisterra / mundi / luci / vitae / amoris...* para além do qual já está o infinito. E então, à euforia mítica que arranca das descobertas, acrescenta-se este literalmente *momento solar, ara solis*, que o Além-Minho significa.

A FUNCIONALIDADE DO *MITUS GALAICUS* VS. A MEMÓRIA DO EXTERIOR/PRESENTE: O MITO ABALADO E UMA CONCLUSÃO

É em sentido mítico que o romance funciona. Todas as características anteriores vão configurando um imaginário que define a identidade galego-portuguesa. *Identidade ancestral*. A Galiza passa a ser vivida quase como um Paraíso perdido, o mito que Portugal é, mas ainda mais essencial. A Narradora fica *fascinada* ao encontrar na Galiza um “Portugal mais cuidado e fértil”⁴⁶, vivendo ela também a viagem como delírio nesta terra remota. As personagens principais, Miguel, Vaamonde, Rosalía e seu irmão... estão todas empenhadas na tarefa de investigar as raízes galego-portuguesas na terra onde o sol se perde.

Mas neste percurso iniciático, ao mesmo tempo de carácter mítico e místico, junto com o conhecimento do *interior* verifica-se igualmente a descoberta do *exterior*. Com efeito, a Narradora vai transmitindo ao leitor as suas impressões da paisagem como de outras característica da terra que visita. A este respeito, comentava Isabel Allegro na revista *Vértice* constituir “o relevo dado no texto à cultura galega, em seus múltiplos aspectos [...]”⁴⁷ uma das vertentes ricas de *Litoral*. No mesmo número, Júlio Conrado (p. 112) exprime-se em similares termos. Tendo presentes estas opiniões, levanta-se um problema: a leitura da obra por uma comunidade diferente de aquela a que o autor se dirige: é a denominada *leitura heteroespacial*, linha que muito nos informa sobre elementos *para além* do livro. No caso concreto, trata-se da recepção feita por galegos e/ou portugueses, ou, por ainda indicar uma outra particularidade, a leitura realizada por galegos ou portugueses *conhecedores ou não conhecedores* da realidade social e cultural dos dois países. É esta circunstância que nos faz afirmar que o percurso de *Litoral* pela cultura galega se torna por vezes a parte débil do romance.

Numa viagem que tem o seu especial peso no intimismo e no mítico, que assim recebe a Galiza, as referências à gastronomia, mesmo por via da citação de Cunqueiro, às rendas de Camarinhas ou até às paisagens, referências todas superficiais, contrastam negativamente com o tom do livro. São muitas as informações que estão mais perto de um roteiro turístico do que da sua ligação com a linha vivencial da Narradora, e do seu

41. *Lit.*, pp. 95 e 96.

42. *Lit.*, p. 31.

43. *Lit.*, p. 31.

44. “Repensar a nossa identidade cultural”, in *Revista do ICALP*, núm. 4, Lisboa, Março, 1986, pp. 9-13.

A citação corresponde à página 13.

45. Art.s cit.s.

46. *Lit.*, p. 26.

47. “Do centro e das margens do *Litoral: Ara Solis*, de Wanda Ramos”, in *Vértice*, núm. 52, Lisboa, Janeiro/Fevereiro 1993, pp. 115-117.

primo. Possivelmente pertinentes para o potencial leitor português desinformado (embora formuladas por vezes com grande distanciamento), mesmo assim não contribuem para a qualidade literária do texto, já de si carregado de vária simbologia galaica. Uma personagem inclusive, Amaya, parece-nos mais trazida ao romance para nos falar da ETA ou da Pasionaria, elementos que nada têm a ver com o *mitus galaicus*, que por um inserimento lógico na estrutura temática do mesmo. A sua função mais rica é a de ser, de seu, espúria na vida de Miguel, de Rosalía, da Galiza, e não, pensamos, a de servir de fio para outras crónicas. A dimensão cronística do *exterior*, tentadora sem dúvida, parece-nos, no entanto, um elemento distorcionador do tipo de percurso/discurso que o livro é, e cuja estruturação se revela extremamente dificultosa.

Em consequência, enquanto o elemento passadista e imaginário persiste, fala o texto à vontade da identidade galego-portuguesa: no homem-símbolo que Miguel é, percebe a prima “o orgulho pelos laços de sangue que assim misturavam na sua pessoa dois povos”⁴⁸. A família das Trava remonta àquele Fernão Peres, feito *dux portucalensis* por Dona Teresa, mãe de Afonso Henriques. “E Miguel vá de se deixar fascinar por mais esse sinal que para ele legitimava a obscura [até lhe identificar o motivo] atracção que a Casa exercera ao vê-la a primeira vez: não é que se fechava (ou reabria) o círculo que intimamente ligava as histórias dos dois povos desde os tempos brumosos da fundação da nacionalidade”⁴⁹. Rosalía e a Narradora aludem de forma carinhosa à identidade galego-portuguesa.

O problema, porém, põe-se no momento em que a Galiza se faz *presente*, não apenas *passado*, como acontece ao descrever o que denominamos *exterior*, tornando-se distante e confusa. E não ocorre isto apenas quando assomam erros de magnitude cultural importante, por exemplo ao Amaya falar das vivências de Miguel à Narradora, comentando que este lhe dizia que só os portugueses têm a palavra “saude”, à qual os galegos chamam soidade⁵⁰, desfazendo de vez para um leitor competente todo o simbolismo de que neste ponto a obra se carrega, por exemplo no nome de Rosalía, homónimo da poeta máxima da Saudade galega, e portuguesa, ou esquecendo uma citação que faz páginas atrás de Cunqueiro que fala das ostras como a “saude do mar”⁵¹. Se a firmeza de Miguel se abala perante a Casa *enquanto não resolve* o mistério e as contradições, a firmeza do imaginário aqui começa-se a abalar, para a protagonista e, por extensão, para o leitor, porque aqueles ficam sem resolver (faltará por acaso o que Miguel significa e simboliza?), geralmente em comentários onde o concreto e o simbólico confluem e motivam apreciações justificativas e por vezes quase contraditórias. Escrevendo a Narradora desde a costa portuguesa a rememorar a viagem, o seu litoral coincide com o galego: “Salta à vista que não têm a ver uma com a outra, mesmo forçando a comparação, porém o mar é que transmite uma identidade que se quer sem marcos nem balizas”⁵².

48. Lit., p. 44.

49. Lit., p. 42.

50. Lit., p. 168.

51. Lit., p. 95.

52. Lit., p. 30.

Neste romance em vários tempos, em que a linha divisória fundamental entre passado/presente se situa na chegada da Narradora à Finisterra, a comunicação linguística, e não só, flui sem problemas de maior na faceta que faz parte do tempo mítico, e vê-se impedida na do presente, por mais que só três anos separem um momento de outro. Em Julho de 86, Miguel (na sua Casa “pejada” de livros e autores galegos e portugueses, diz a Narradora) anota que Naomi, o seu amor escocês, “consegue acompanhar-nos nas conversas, em roda de amigos portugueses que cá estão de passagem; como, aliás, nos acompanha perfeitamente, e intervém até, se uso o galego em discussões de índole política e filosófica, o que faço quase sempre entre amigos, raramente recorrendo ao castelhano.” E acrescenta um comentário valorativo da situação: “Dá-me muita alegria que até na questão da língua possamos entender-nos sem artifícios nem esforços de maior”⁵³. Curiosa e gigante a capacidade destas personagens, se as confrontarmos com a da Narradora e de Rosalía, pessoas sem dúvida de cultura também. Diz a primeira: “duas línguas remotamente afins se espraiavam em expressões próprias, em formas de dizer que ora se encontravam, ora divergiam irremediavelmente, ao ponto de serem indecifráveis à primeira: falando ela galego, soletrado se necessário para mais rápido a entender, contrapondo-lhe eu em português, do mais claro e pausado que podia”⁵⁴. Curiosidade que passa a contradição no encontro entre a galega Moira e a própria narradora: “Foi conversa de subentendidos, de dizeres que tantas vezes não acabavam de se formular, ou antes, vai-para-dizeres que logo morrem ao surgir (ah mas não vale a pena ir por aqui, sempre são duas línguas em confronto, por mais que haja coisas em comum, é que nem adianta insistir numa expressão não nos ocorrendo outra, fatigavam estes malabarismos linguísticos que predispõem o ouvido para implícitos que nunca lá estiveram, nos fazem deduzir precipitadamente, depois, ao constatar o mal-entendido, tentar com gestos de mãos, comparações breves, alguma imagem simples, suprir as falhas de comunicação, e tanto que fica como se tivesse sido um dizer em vão)”⁵⁵. A comunicação produz-se então por outros também misteriosos caminhos para o leitor, pois, como no caso de Rosalía e a prima, chega a saltar “sobre a diferença de idades, de culturas”⁵⁶. Em honra da maltreita verosimilhança, é difícil compreender o romance sob o ponto de vista da interlocução das personagens.

Estas circunstâncias tão estranhamente diversas alargam-se por outros planos do romance, e não carecem de importância. Estas referências fazem parte do presente da Galiza, e é aí que se rompe a sequência histórico-mítica que o romance desenha. Repare-se que a única referência à Galiza actual, como lugar de fins do século XX em vias de desenvolvimento (banindo pois qualquer referente mítico) é motivo de chança na família de Miguel: “E quando, [...] o avô do outro lado (pai da minha mãe) — e disto já me lembro muito bem —”, diz a Narradora, “nos mandou postais de Vigo e Santiago gabando a traça das cidades galegas e o esforço de progresso que se ia tornando visível — ele, cumpridor embora não muito convicto da política do orgulhosamente sós,

53. Lit., p. 89.

54. Lit., p. 103.

55. Lit., pp. 192 e 193.

56. Lit., p. 174.

a que acrescentava de sua lavra um matiz, orgulhosamente diferentes e únicos; ele, que afirmava bastar-lhe fechar os olhos para conhecer o mundo inteiro, com a ajuda, obviamente da televisão (ainda a preto e branco) —, quando nos mandou esses tais postais, a família preferiu ler entre linhas os efeitos de uma esclerose precoce, porque na Galiza, então, impossível dessas proezas”[sic]⁵⁷. Quando o Além-minho galaico passa de mito a realidade tangível, a Galiza fica desprovida da sua (id)entidade, e se a narradora fala do “país vizinho”⁵⁸ é para se referir à Espanha⁵⁹.

Litoral. Ara Solis é um novo percurso na identidade, concentrando linhas de força do imaginário galego e português. É, não o duvidamos, uma homenagem à Galiza, como saudava o crítico e poeta Galego Manuel Maria num recente artigo. Mas não podemos coincidir com ele quando afirma que “no libro de Wanda Ramos está a esencialidade da Galiza”⁶⁰. Está uma parte essencial, sim, uma visita ao passado, a um significante temporal e espacial, que se torna confuso e hesitante no presente, mostrando em boa medida em que pé as relações e conhecimentos dos dois povos estão. Indicando todo o caminho imaginário e real que fica por percorrer, iniciado pela viagem madura de Miguel a um passado que não deve ser prisão. Para acharmos um presente sem espessura. E um apelo para a busca e especialmente a assunção do que chamamos identidade.

57. *Lit.*, pp. 26 e 27.

58. Cfr. p. ex. *Lit.*, pp. 60, 69, 201.

59. Mesmo é engraçado, neste contexto, ouvir uma mulher como Amaya, que teve contactos com a ETA, justificar esta por se aperceber “de certas formas injustas da opressão de Castela sobre os outros povos de Espanha”, quando o problema se põe para os nacionalistas bascos, e em geral para todos os do Estado Espanhol, no conflito com a Espanha, não com a também desgraçada Castela.

60. “Homenagem da Galiza à escritora Wanda Ramos”, in *Letras e Letras*, núm. 85, Porto, 16 de Dezembro de 1992, p. 3.